



# Textos PARA Discussão

n. 26

Efeitos do des-carnaval 2021 e a  
falta dos festejos de verão para a  
economia soteropolitana

**GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA**

Rui Costa

**SECRETARIA DO PLANEJAMENTO**

Walter de Freitas Pinheiro

**SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA**

Jorgete Oliveira Gomes da Costa

**DIRETORIA DE INDICADORES E ESTATÍSTICA**

Armando Affonso de Castro Neto

**COORDENAÇÃO DE ESTATÍSTICA (COEST)**

Urandi Roberto Paiva Freitas

**EQUIPE TÉCNICA**

Carlota Gottschall (autora)

Antônio Marcos Barreto (autor)

Guillermo Javier Etkin

Rosângela Conceição

João Gabriel Rosas Vieira

**COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO EDITORIAL**

**EDITORIA-GERAL**

Elisabete Cristina Teixeira Barretto

**EDITORIA DE ARTE E DE ESTILO**

Ludmila Nagamatsu

**REVISÃO DE LINGUAGEM**

Bernardo Menezes

**EDITORAÇÃO**

Alderlan Oliveira

**COORDENAÇÃO DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO**

Eliana Marta Gomes da Silva Sousa

**NORMALIZAÇÃO**

Eliana Marta Gomes da Silva Sousa

Patrícia Fernanda Assis da Silva

Av. Luiz Viana Filho, 4ª avenida, 435, 2º andar, CAB, CEP 41745-002, Salvador - Bahia  
Tel.: 55 (71) 3115-4733 Fax: 55 (71) 3116-1781 [www.sei.ba.gov.br](http://www.sei.ba.gov.br)

# EFEITOS DO DES-CARNAVAL 2021 E A FALTA DOS FESTEJOS DE VERÃO PARA A ECONOMIA SOTEROPOLITANA

Carlota Gottschall\*  
Antônio Marcos Barreto\*\*

Diverso, multifacetado, capaz de misturar e separar etnias, credos e classes sociais em um mesmo espaço público, o Carnaval de Salvador é uma referência de festa urbana no País. Ainda que complexo e plural, o Carnaval representa um elemento distintivo, de identidade da cidade, expressando os seus conflitos e contradições em vários planos – cultural, social, étnico, econômico, espacial. Passando por modificações sucessivas, em consonância com os processos de transformação econômico e social da cidade. A experiência da covid-19, ao imprimir a suspensão da festa no Brasil em 2021, traz indagações e desafios. Como será o Carnaval na Bahia no pós-pandemia? Possivelmente veremos mudanças e ajustes após a forte experiência imposta pela crise sanitária ao mundo. Somente o tempo dirá como se reorganizarão os atores envolvidos e a comunidade.

Ao se construir uma linha no tempo é possível enumerar alguns momentos marcantes e decisivos na trajetória da mais importante manifestação popular da Bahia. Vejamos: tudo começou com a brincadeira do Entrudo, seguindo-se os bailes à fantasia privados (metade do XIX); a brincadeira caiu tanto no gosto popular que necessitou de um gerenciamento do poder público (1884). Desde sempre o Carnaval de rua foi separado por classe social e, conseqüentemente, por etnia. Os desfiles das organizações negras eram restritos aos espaços menos nobres da cidade (Pelourinho, Baixa dos Sapateiros, Barroquinha). Chegou-se ao ponto, entre 1905-1914, de os agrupamentos afro-brasileiros (primeiros afoxés) serem proibidos de participar do festejo.

A grande depressão de 1929 e a Segunda Guerra Mundial promoveram um *gap* em nossa festa, que somente retoma as suas atividades entre 1950-1960. Período marcado por três episódios: o declínio dos clubes carnavalescos tradicionais (Fantoches, Cruz Vermelha e outros), o surgimento das escolas de samba apoiadas pelo estado (Juventude do Garcia, Ritmos da Liberdade, Diplomatas de Amaralina, dentre outras), e o aparecimento do trio elétrico que, desde então, iria dar o tom da festa ao mesclar tecnologia, novos estilos musicais e danças de rua – o frevo eletrizado ou frevo baiano. Inicialmente patrocinado por empresas de Salvador, no período seguinte, o trio atraiu grandes anunciantes nacionais, principalmente as empresas de bebidas.

\* Mestre em Comunicação e Cultura Contemporânea e economista. Analista Técnica da SEI.

\*\* Economista. Gestor da SEI.

No tempo em que “preto não entrava no Bahiano” (clube social dos ricos), a população brincava de duas formas. As elites se fechavam em bailes e salões de clubes sociais financiados pelos associados e as classes populares reafirmavam a pluralidade de suas manifestações incorporando sistematicamente elementos da indústria cultural às expressões carnavalescas. Assim, os estivadores organizaram o Afoxé Filhos de Gandhi (1949), em seguida veio o grupo Mercadores de Bagdá (1959), formado, em boa parte, por uma classe média negra de trabalhadores do petróleo. Ambos demonstravam a influência das revistas e do cinema sobre as tradições soteropolitanas. Segundo Moura (1998), na segunda metade de 1960, o sucesso dos *westerns* norte-americanos inspirou a formação dos blocos de índios – Tupy, Cacique do Garcia, Apaches do Tororó, Tamoios, Pena Branca da Liberdade, Sioux.

Os anos 1970-1980 foram determinantes para Salvador e para o seu Carnaval, que mais uma vez modificava o seu formato. Ao processo de industrialização metropolitana, que ampliou a participação da classe trabalhadora negra e mestiça, se somou a organização de movimentos de luta contra o preconceito racial. Nesse contexto surgem os blocos afros Ilê Aiyê (1974) e Olodum (1979) quando se inaugura um novo estilo musical: o samba-reggae. Inspirado no calor criativo daquele momento, Moraes Moreira introduz o canto no trio elétrico, até então, o palco de instrumentistas. Balançou o chão da Praça Castro Alves. Lá se reuniram os populares brancos e negros, os jovens descolados da classe média e a vanguarda artística de Salvador e de outros estados, principalmente, paulistas e cariocas. Festejava-se o processo de redemocratização do Brasil. A Bahia, mais uma vez, era palco de inovação cultural conforme ocorrera nos anos 1950, quando da inauguração da Universidade da Bahia.

Mas a indústria cultural não dorme no ponto. Segundo os técnicos governamentais (INFOCULTURA, 2007, p. 9),

acelerada expansão dos blocos (de trio) e sua utilização de cordas e cordeiros numa escala inusitada balizam o começo de um novo processo de apropriação privada e horizontal do espaço público, que se desenvolve paralelamente à “profissionalização” destas organizações, isto é, de sua transformação em empresas e da sua subordinação ao *star system* comandado pela grande indústria da música.

Nesta sequência vieram blocos de cordas, os camarotes, o Carnaval exportação. Muito sucesso. Muito dinheiro. Para alguns. A era da axé music se definiu pela simbiose entre blocos de trio e indústria fonográfica baseada no CD, na movimentação turística e no apoio financeiro do poder público e dos patrocínios privados. Os blocos de matriz africana alcançaram sucesso internacional, mas mantendo a lógica excludente que rege a economia local, não participaram do bolão dos lucros. Mas o negro mostrou à cidade que o seu coração é a liberdade! Salvador mudou a suas feições. O Carnaval também.

Hoje, o axé music saiu de moda. O CD desapareceu. São Paulo e Belo Horizonte têm o seu próprio Carnaval de rua. As cordas dos blocos caíram. Os clubes sociais se refizeram nos espaços dos camarotes, a modalidade mais procurada da festa. A passarela da Barra-Ondina é para onde todos querem ir. Um fetiche. O Carnaval da Bahia se tornou regional, cada vez mais procurado pelos baianos do interior e moradores de estados nordestinos. Diferente. Mas ainda lucrativo.

Em 2021, o silêncio imperou nas ruas de Salvador no mês de fevereiro. Um vírus letal paralisou o mundo e expôs as idiossincrasias da sociedade brasileira. O poder público decretou que a festa que tem por princípio a aglomeração não se realizaria.

Em 2022 pode acontecer o mesmo. Tudo leva a crer que a experiência da pandemia poderá marcar outro momento para a festa baiana. Dificilmente, quando o próximo Carnaval chegar, será “igual àquele que passou”.

Por tudo isto, o registro da festa-negócio 2020 é um parâmetro importante para a compreensão do modelo de Carnaval vigente. Daí a importância deste boletim cujo objetivo é estimar os principais efeitos do cancelamento do Carnaval e dos eventos tradicionais de verão que ocorrem no primeiro trimestre do ano. Acredita-se que em condições normais de temperatura e pressão, o festejo de 2021 cumpriria ritos e compromissos semelhantes aos registrados no ano anterior, o que nos permite estimar os prejuízos financeiros ocorridos devido ao cancelamento da festa. Sem que nos caiba condições de avaliar as perdas no sentido simbólico.

A base de cálculo usada para a definição das estimativas foram os dados oficiais referentes à arrecadação de Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS); ao mercado de trabalho observando a Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar Contínua (PNADC/IBGE); ao fluxo de passageiros registrado pela Agência Estadual de Regulação de Serviços Públicos de Energia, Transportes e Comunicações da Bahia (AGERBA) e a movimentação turística dos meios de hospedagem disponibilizada pela Secretaria de Turismo do Estado da Bahia (SETUR). O que nos permitiu mensurar: movimentação de passageiros; taxa de ocupação dos meios de hospedagem; mercado de trabalho dos festejos de verão; e arrecadação estadual de ICMS.

As informações diretamente relacionadas ao Carnaval foram obtidas no relatório de pesquisa da Setur para o Carnaval de 2020 (BAHIA, 2020) e no Suplemento de Carnaval com base na metodologia e logística da Pesquisa de Emprego e Desemprego-PED (INFOCULTURA, 2011) e outros registros administrativos. Com isto chegou-se aos seguintes indicativos: movimentação de pessoas; gasto médio individual e gasto total dos foliões; origem territorial dos visitantes; demanda dos turistas por serviços privados e públicos e mercado de trabalho local.

Infelizmente, não dispomos de dados relativos à arrecadação municipal: Imposto Sobre Serviços (ISS) e licenciamentos (taxas cobradas aos ambulantes, donos de camarotes e palanques), tampouco aos custos e lucros obtidos pela iniciativa privada. De igual maneira, não existem registros dos impactos ambientais, patrimoniais e de saúde pública decorrentes da elevada aglomeração de pessoas e de alta sonoridade durante os dias da festa. Um estudo sobre o impacto da festa deve levar em conta também a economia do anti-carnaval, vale dizer, as consequências econômicas do deslocamento daqueles que aproveitam os feriados para escapar da festa e se dedicar a atividades de turismo ou lazer fora de Salvador.

## EFEITOS DA NÃO REALIZAÇÃO DO CARNAVAL 2021

Vamos aos pressupostos. Para observar a movimentação e os gastos dos brincantes se partiu do entendimento de que folião é aquele indivíduo que vai à festa se divertir e apreciar as atrações artísticas. Assim inclui: a população residente em Salvador e os turistas (baianos do interior + turistas nacionais + turistas estrangeiros). Na condição de turista tomou-se o parâmetro definido na pesquisa da Setur, que abrangeu os indivíduos que cumpriram ao menos um pernoite na capital. Desta forma, aqui não estão inclusos os moradores da região metropolitana que retornam para dormir em suas residências. O período considerado na investigação foi de sete dias (20-26 fevereiro de 2020).

Para estimar a participação dos foliões locais na festa se considerou o percentual médio de residentes (INFOCULTURA, 2011) que brincaram em anos anteriores (17,7%) e a população estimada para Salvador – três milhões de habitantes em 2020 (IBGE). Assim poder-se-ia supor que em torno de 528 mil foliões residentes compareceriam ao Carnaval em 2021. Para aferir a participação dos turistas, se optou por replicar o cálculo da Setur para o ano de 2020, quando se avaliou a presença de 636 mil turistas. Desta forma, se estima que ao menos 1,2 milhão de foliões estaria circulando pelas ruas de Salvador em 2021.

**Tabela 1 – Fluxo e origem dos turistas durante o Carnaval – Salvador – 2020**

Origem	Fluxo (nº turistas)	%
Residentes no Brasil	586.050	92,2
Residentes na Bahia, exceto Salvador e RMS	214.494	36,6
Residentes no Brasil exceto Bahia	371.556	63,4
Residentes no exterior	49.641	7,8
<b>Total</b>	<b>635.691</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Bahia (2020).

Os dados da origem dos turistas em 2020 sugerem algumas ponderações. A mais significativa é a natureza eminentemente regional do Carnaval de Salvador. Isto porque o público do Nordeste brasileiro foi o mais presente (77,7% do total). Chegou-se a esta estimativa pela soma do fluxo de visitantes do interior da Bahia (36,6%) ao de outros estados nordestinos (23,4%). Foram 382 mil turistas vindos de diversos municípios, que se encontraram nos palcos da festa com outros 528 mil foliões moradores da capital, formando um conjunto de 907,6 mil residentes na região. Tudo indica que em 2021 os participantes da festa seriam equivalentes.

A concorrência do Carnaval de rua de São Paulo e de Belo Horizonte, que se expandiu ao longo da última década, certamente impactou a demanda quantitativa e, principalmente, qualitativa, do ponto de vista financeiro, daqueles que buscam a festa soteropolitana. Nos últimos carnavais, as principais atrações artísticas locais foram contratadas pelas prefeituras destas capitais por cachês irrecusáveis. Exportar um modelo de negócio com base em blocos de cordas e patrocínio foi altamente lucrativo por certo tempo, porém suscetível a substituição.

Os turistas da região Sudeste, principalmente, os procedentes de São Paulo (12,3%), se destacam pela capacidade de gastos, sobretudo nos camarotes, a modalidade mais cara e mais procurada da folia. Para a festa de 2022, a Central do Carnaval comercializa ingressos para os camarotes desde fevereiro de 2021, com preço individual que varia entre R\$ 710 e R\$ 10.390. Já o valor dos blocos varia entre R\$ 700 e R\$ 6.000. Em crediário de 12 prestações. Não poderia ser de outra forma. A maioria dos turistas (67,5%) percebe rendimento entre um e cinco salários mínimos. Outro aspecto relevante é o perfil etário do público. Em 2020, dentre os turistas, 76,7% tinham entre 18 e 40 anos. Condições semelhantes de rendimento e idade foram verificadas entre os moradores da capital em pesquisas anteriores (INFOCULTURA, 2011). É uma festa destinada aos jovens.

Vamos ao gasto dos foliões. No caso dos visitantes estão inclusas: despesas com alimentação, hospedagem, bebidas, transportes, comércio, compra de abadás e camarotes entre outros. O gasto dos residentes inclui parte deste rol, com destaque para comércio de alimentos, bebidas, roupas, ingressos e transporte. Calcula-se que o cancelamento da festa em 2021 impôs a não circulação de pelo menos de R\$ 1,7 bilhão relativo ao gasto dos foliões. A Tabela 2 demonstra que o gasto total dos turistas (baianos do interior e externos) é três vezes superior ao do folião que mora em Salvador. Vejamos como foram feitos os cálculos.

**Tabela 2 – Estimativa de gasto total dos foliões – Salvador – 2021**

Tipo de folião	Número de foliões (mil pessoas)	Gasto diário médio corrigido (IPCA dez. 2020) (R\$)	Média de dias brincados	Gasto total corrigido (IPCA dez. 2020) R\$ milhões
Residente	528,0	134,47	5,95	422,45
Total de Turistas	635,7	358,73	5,70	1.299,90
<b>Total</b>	<b>1.163,7</b>			<b>1.722,30</b>

Fonte: Bahia (2020), Infocultura (2011).

Cálculo: SEI.

Nota:  $Gasto\ Total = ((nf_{res} * \bar{gd}_{res} * \bar{d}_{res}) + (nf_{tur} * \bar{gd}_{tur} * \bar{d}_{tur}))$ . Quando:  $GT$  = Gasto total com os foliões;  $nf_{res}$  = número de foliões residentes em Salvador;  $\bar{gd}_{res}$  = gasto diário médio dos foliões residentes em Salvador;  $\bar{d}_{res}$  = média de dias brincados pelos foliões residentes em Salvador;  $nf_{tur}$  = número de foliões turistas;  $\bar{gd}_{tur}$  = gasto diário médio dos foliões turistas;  $\bar{d}_{tur}$  = média de dias brincados pelos foliões turistas.

Outro aspecto relevante da festa é a capacidade de gerar renda pelo trabalho realizado durante o evento em sua pré-produção e desmontagem. Isto engloba uma gama de ocupações formais e informais que demandam trabalhadores locais, nacionais e internacionais. Neste boletim iremos nos ater tão somente aos cálculos de oportunidade de trabalho para a população local durante os dias da festa, visto que não dispomos de dados sobre o conjunto das etapas e de sua abrangência.

A informação disponível para estimar a participação dos ocupados é a pesquisa Suplemento do Carnaval (INFOCULTURA, 2011), que adotou metodologia e estrutura organizacional da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED). A investigação focalizou seu questionamento nos indivíduos que responderam a condição de se trabalharam ou não no período da festa em Salvador. Quando se observou que na condição afirmativa estiveram 93 mil ocupados, ou 6,18%, da força de trabalho municipal. A proporção de indivíduos que exerceram a atividade exclusivamente em função do Carnaval correspondeu a 60%. Buscando definir um paralelo, utilizou-se este percentual em relação ao mesmo recorte da população de Salvador para o ano de 2020 com base na PNADC do primeiro trimestre (PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS CONTÍNUA, 2021). Quando se concluiu que em decorrência do cancelamento da festa 60 mil trabalhadores ficaram sem alternativa de desempenhar suas atividades. O que implicou na não geração de um montante de R\$ 131 milhões de rendimentos com o trabalho. O que explica a reivindicação de diversas categorias, sobretudo do segmento artístico, demandando ajuda de moradores e do poder público.

A atividade laboral no Carnaval se caracteriza majoritariamente como uma alternativa de rendimentos sazonais para os trabalhadores autônomos de baixa remuneração. Em 2010 este segmento representou 60,7% de trabalhadores informais que, em boa parte, desempenharam funções de venda de bebidas e de alimentos (inclusive ambulantes). Outra parcela decorreu de serviços prestados aos blocos e aos camarotes, segurança pública e privada, atendentes de bares e restaurantes, pessoal de limpeza, correspondendo a 70,8% do total dos trabalhadores. Parte menor de trabalhadores, mais qualificados e melhor remunerados envolve os artistas e seus apoiadores (INFOCULTURA, 2011).

Outras fontes reafirmam a hipótese, como dito, de que o mercado da cultura foi dos mais prejudicados pela crise da covid-19. A não realização dos eventos de verão em 2021 agravou o problema visto que alguns músicos e instrumentistas, muitas vezes, têm nestes eventos a sua principal fonte de rendimento. A desconcentração territorial da festa (Carnaval de bairros), o fomento via editais públicos e a contratação direta de artistas ampliam oportunidades de ocupação e renda. Em 2021, se avalia que ao menos R\$ 10 milhões deixaram de ser investidos pelo poder público no mercado cultural. Quantia aportada no ano anterior.

O governo do estado investiu em editais destinados às entidades de matriz africana (Carnaval Ouro Negro) e Carnaval do Pelô. A prefeitura de Salvador, por sua vez, também realizou contratos para apresentações de artistas. Tais mecanismos oportunizam uma série de tarefas necessárias às apresentações de blocos, trios elétricos, palanques e palcos. Ocupações como: músicos, cantores, compositores, designers, coreógrafos, iluminadores, cenógrafos, técnicos de som, produtores, fotógrafos, comunicadores, pessoal de apoio direto e indireto. A iniciativa privada, por sua vez, efetiva contratos de artistas e pessoal de *back stage* para animar os blocos e, principalmente, os shows que ocorrem nas festas particulares promovidas pelos camarotes.

É inquestionável a lucratividade da festa-negócio de Salvador. Certamente, no auge da axé music, quando se optou por oportunizar ao máximo o modelo de festa com base em atrações privadas e vendas de patrocínios, os ganhos financeiros foram expressivos. Para alguns. Aqueles que controlam o mercado da música e do entretenimento. É inquestionável a potência do Carnaval para gerar receita. Pena que estes recursos sejam apropriados de forma tão dessemelhante.

Para efetivação do evento em 2020, calcula-se que a despesa dos poderes estadual e municipal foi de R\$ 133 milhões. O governo do estado disponibilizou R\$ 73 milhões distribuídos entre os municípios. Salvador absorveu a maior parte deste recurso, que foi desembolsado para execução de ações setoriais (cultura, turismo, saúde, segurança pública, transporte, direitos humanos, etc.). A prefeitura municipal de Salvador movimentou R\$ 60 milhões. A adequação da infraestrutura urbana às demandas da festa absorve a maior parcela do investimento público.

O Quadro 1 objetiva mapear as demandas setoriais dos foliões pelos serviços privados e públicos (Setur) e os seus prováveis efeitos multiplicadores.



**Quadro 1 – Serviços privados e públicos demandados pelo turista folião no Carnaval – Salvador – 2020**

Serviços	Privados (%)	Públicos (%)	Serviços impactados
Casa de parentes/ amigos e imóveis próprios	45,7		Comércio varejista, alimentação fora de casa, energia elétrica, etc.
Imóvel alugado (temporada e Airbnb)	16,7		Rendimento para o proprietário contratante, comércio varejista, alimentação fora de casa, etc.
Meios de hospedagem	35,7		Contratação de pessoal temporário, distribuidor de bebidas e alimentos, energia, comércio varejista.
Hotel	23,5		
Pousada	4,4		
Flat / apart-hotel	4,3		
Albergue / hostel	3,5		
Navio / embarcação	1,2		Alimentação fora de casa
Transporte coletivo (ônibus/metrô)	43,0		Postos de combustíveis
Transporte privado (táxi, uber e outros)	88,2		Postos de combustíveis
Ambulantes	80,6		Rendimento familiar, depósito de bebidas, feiras, supermercados, mercadinhos, lanchonetes.
Bares e restaurantes	63,3		Distribuidora de bebidas e alimentos, comércio varejista.
Agencia de viagem	4,4		Energia elétrica, contratação de serviços de lazer.
Serviço de informações turísticas		8,8	Contratação de pessoal, material gráfico.
Rede de Wi-Fi		6,8	Instalação da rede.
Guias e monitores		7,8	Contratação de pessoal.
Blocos	37,1		Contrato de artistas e apoio técnico, cordeiros. Carros de som, segurança privada.
Blocos afros		8,3	Contrato de artistas e apoio técnico, cordeiros. Carros de som, segurança privada.
Blocos de trio	91,8		Contrato de artistas, carro de som, carro de apoio, cordeiro, segurança privada.
Camarotes	37,4		Contrato de artistas, bebidas, restaurante, energia elétrica, limpeza, infraestrutura de decoração, segurança privada.

Fonte: Bahia (2020). Elaboração: SEI.

O indicativo é de que a iniciativa privada é a grande beneficiária do atual modelo de Carnaval de Salvador, sem deixar de creditar os benefícios monetários e simbólicos conferidos ao poder público, que reverberam ao longo do ano, principalmente advindos do mercado turístico.

## EFEITOS DO DESAQUECIMENTO DA ECONOMIA NO PRIMEIRO TRIMESTRE DE 2021

Sem informações consolidadas que abranjam o conjunto de festejos de verão, mas cientes a importância destes eventos para o mercado local (*trade* turístico, da cultura, do entretenimento e o mercado de trabalho informal) nos propomos a fazer um exercício de estimativas sobre o impacto de sua não realização no verão 2021. Para tanto, nos atemos aos dados referentes ao primeiro trimestre do segmento de

turismo, arrecadação de ICMS<sup>1</sup> dos setores relacionados aos eventos e ao mercado de trabalho criativo como uma estratégia inicial de investigação sobre o tema.

Quando se observou um resultado diferenciado no valor da arrecadação de ICMS no primeiro trimestre do ano sobre os demais para as atividades relacionadas ao lazer e entretenimento. Os atrativos oferecidos nas praias, festas e shows que se amontoam nesse período impactam diretamente no consumo de bebidas, alimentação fora de casa, transporte e meios de hospedagem para aqueles que viajam, dentre outros serviços comerciais.

Considerando a receita pública estadual, se observou que a indústria de bebidas recolheu R\$ 525,9 milhões de ICMS no primeiro trimestre de 2020, principalmente pelo consumo de cervejas. O volume arrecadado neste período é superior a todos os demais trimestres (65%, 33,7% e 13,5%, respectivamente), quando foram recolhidos R\$ 120 milhões a mais que a média dos meses posteriores. Outro exemplo é o comércio varejista, que recolheu nos segmentos de alojamento e alimentação R\$ 49,5 milhões. Valor superior aos demais trimestres (219,5%, 101,4% e 35,6%, respectivamente), significando R\$ 24 milhões a mais que a média dos meses seguintes. Estas atividades também se destacam pela elevada capacidade de gerar oportunidade de emprego e renda, sobretudo no verão.

No primeiro trimestre de 2020, o transporte aéreo recolheu R\$ 279,8 mil. Apesar dos meses subsequentes refletirem o fechamento das atividades em função da pandemia, é possível observar que o pico se concentra nos primeiros três meses do ano, período de alta estação para as viagens. Os serviços de utilidade pública relacionados à comunicação, sobretudo as atividades de rádio e televisão aberta, recolheram R\$ 262 milhões. Neste caso, se observou que o valor do primeiro trimestre não diferiu daqueles arrecadados nos meses subsequentes.

Em relação ao turismo, se optou por trabalhar com os resultados médios registrados pelo transporte aéreo e pela hotelaria em Salvador nos primeiros trimestres de 2017-2019, visto que, desta forma, se conseguiria evitar as distorções decorrentes das medidas de isolamento social decretadas em março de 2020. No aeroporto de Salvador registrou-se a movimentação média de 952 mil desembarques (2017-2019). Uma diferença de 77 mil desembarques relativamente aos trimestres posteriores. Este resultado positivo induz à apreensão de que parte desta circulação decorra da atratividade dos festejos e do verão soteropolitano. Outra parte, certamente, deriva da saída dos residentes locais para outros destinos. É um período de férias no Hemisfério Sul. Os meios de hospedagem também apresentam melhor desempenho no verão, quando a taxa média de ocupação dos hotéis foi de 68,1%, contra 58,8% no resto do ano. Diferença média de 9,3% (BAHIA, 2020).

A Setur (BAHIA, 2020) registrou no 1º trimestre de 2020 uma taxa média de ocupação dos meios de hospedagem de 63,3%. Resultado 8,1 % inferior ao de igual período de 2019 (71,4%). Já no 2º trimestre se pode verificar o efeito das medidas restritivas, justo no período mais crítico da crise sanitária. Quando a taxa de ocupação foi de 13,9% na rede de hospedagem em Salvador. O segundo semestre de 2020 foi um pouco melhor, mas ainda aquém da taxa de ocupação comumente conferida no período. Registrou-se no 3º trimestre (29,9%) e no 4º trimestre (49,5%). O 1º trimestre de 2021 também atravessa dias difíceis mediante a nova onda de infecção da covid-19. Em fevereiro estimou-se para o verão de 2021 uma redução de 18,2% relativamente à taxa média de ocupação identificada anteriormente.

---

1 Dados disponíveis no banco de dados da Secretaria da Fazenda do Estado da Bahia. Superintendência de Administração Tributária. Cálculos SEI.

Buscando melhor compreensão sobre o significado do verão para a atividade turística na Bahia, se trabalhou com os dados de 2014 como ano-base visando a observar a média de crescimento da receita nominal das atividades características do turismo no estado (Tabela 3). Concluiu-se que nos primeiros trimestres de 2017-2019 houve uma expansão de 34,3% enquanto nos demais trimestres o crescimento médio foi de 8,7%. Em 2021, é quase certo que esta situação não se manteve tendo em vista as dificuldades de circulação das pessoas.

**Tabela 3 – Informações turísticas trimestrais – Salvador – 2017-2019**

	Desembarques aeroporto Salvador	Taxa média de ocupação dos meios de hospedagens – Salvador	Receita nominal das atividades turísticas Bahia – índice (2014=100)
1º tri. 2017	923.018	61,5	132,2
2º tri. 2017	802.773	47,4	94,1
3º tri. 2017	891.187	57,9	101,1
4º tri. 2017	933.045	62,1	113,9
Média 2º a 4º tri.	875.668	55,8	103,0
1º tri. 2018	965.405	71,6	131,8
2º tri. 2018	830.062	52,5	92,3
3º tri. 2018	928.207	65,0	106,6
4º tri. 2018	968.620	64,0	123,0
Média 2º a 4º tri.	908.963	60,5	107,3
1º tri. 2019	967.456	71,4	138,8
2º tri. 2019	696.261	50,9	103,7
3º tri. 2019	853.796	62,4	115,6
4º tri. 2019	969.238	67,0	128,2
Média 2º a 4º tri.	839.765	60,1	115,8

Fonte: Bahia (2020), IBGE - Pesquisa Mensal de Serviços (2014).  
Cálculos: SEI.

Outro aspecto observado nos festejos de verão foi o comportamento do mercado de trabalho. Quando se operou com a base de dados do IBGE para a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (2021) considerando as classificações de atividades econômicas mais influenciadas pelas festas. Os estragos causados pela crise sanitária são vistos desde os momentos iniciais. Visto que no 1º trimestre de 2019 a população ocupada em Salvador abrangeu 347 mil trabalhadores. Um ano e três meses depois, no 1º semestre de 2020, ainda que tivéssemos o Carnaval e todas as outras festas populares e eventos, 307 mil trabalhadores estiveram ocupados. Uma diferença de 40 mil pessoas atuando no mercado no dobro de dias trabalhados. Ou ainda, se compararmos a quantidade de trabalhadores que operaram nas atividades selecionadas entre os trimestres do mesmo ano, se nota que o segundo trimestre de 2020 ocupou menos 90 mil trabalhadores em relação ao primeiro trimestre (Tabela 4). Como não houve registro de diferença desta magnitude em anos anteriores infere-se que isto decorreu da covid-19.

Em um mercado de trabalho estruturalmente deficitário como o Salvador, a situação de crise na oferta de postos de trabalho somada à crise sanitária agrava ainda mais a situação, que infelizmente se mantém e se aprofunda em 2021.

**Tabela 4 – Pessoas ocupadas segundo as classificações de atividades econômicas mais influenciadas pelos festejos – Salvador – 2016-2020**

(Milhares de pessoas)

Trimestre	Anos				
	2016	2017	2018	2019	2020
1	391	375	365	347	307
2	357	364	363	368	217
3	370	385	367	358	242
4	380	384	395	355	-

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (2021).

Elaboração: SE/Dipeq/Coref.

Nota: Elaborada a partir dos microdados da PNADC do IBGE.

O exercício apresentado na Tabela 5 visa reforçar a hipótese de um melhor desempenho do primeiro semestre relativamente aos subsequentes para o mercado de trabalho criativo e de entretenimento da capital. Mesmo excluindo os dados referentes a 2020, percebe-se a diferença média de 7 mil ocupações correlatas aos segmentos em questão entre o primeiro trimestre e os subsequentes.

**Tabela 5 – Diferença absoluta entre o número de pessoas ocupadas nas classificações de atividades econômicas mais influenciadas pelos festejos em relação ao primeiro trimestre – Salvador – 2016-2020**

(Milhares de pessoas)

Trimestre	Anos				
	2016	2017	2018	2019	2020
2	-34	-11	-3	21	-90
3	-21	10	1	12	-64
4	-11	9	29	8	-

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (2021).

Elaboração: SE/Dipeq/Coref.

Nota: Elaborada a partir dos microdados da PNADC do IBGE.

É certo que os festejos, espetáculos e as atividades turísticas que acontecem no verão ativam inúmeras oportunidades de ocupações, ainda que muitas delas apresentem vínculos precários e temporários que de várias maneiras viabilizam o acúmulo de capital. A maioria das ocupações é de natureza informal, envolvendo desde trabalhadores com baixa formação educacional até os mais qualificados, caso de cantores e músicos que, apesar da especialização e do talento, muitas vezes têm na atividade artística sua segunda opção de trabalho. É comum ouvir entre os artistas depoimentos de que os ganhos obtidos no período de verão garantem o sustento da família durante o resto do ano. A pandemia expôs as fragilidades do mercado de trabalho, que se organiza em torno da sazonalidade dos períodos de alta estação turística.

## CONCLUSÃO

O des-carnaval 2021 levou a que pelo menos 1,2 milhão de foliões deixasse de circular pelas ruas, camarotes e palanques de Salvador. Os brincantes (residentes e turistas) são os principais responsáveis pelo resultado econômico do evento. Acredita-se que em torno de 907,6 mil pessoas (residentes na capital, turistas do interior da Bahia e originários de outros estados nordestinos) participariam da festa em 2021.

Estima-se que pelo menos R\$ 1,7 bilhão advindo dos gastos dos foliões deixou de circular em Salvador. Este é um indicador da potencialidade da festa-negócio, pois inclui despesas como: alimentação, hospedagem, bebidas, transportes, comércio, compra de abadás e camarotes, entre outros. Ainda que boa parte dos visitantes não faça uso da rede hoteleira local (opção pela casa de amigos, aluguel de temporada), o gasto médio diário do turista responde por uma fração considerável do consumo de bens e serviços ofertados pelas empresas e trabalhadores autônomos que operam na festa.

O mercado da festa oferece uma gama de oportunidades de ocupações, quase sempre sem formalização ou vínculo empregatício. É grande a disputa no campo do trabalho autônomo informal, porque saturado, é um mercado que apresenta margem de lucro provavelmente em declínio, mas que para uma comunidade estruturalmente carente de oportunidades de emprego tal ganho é representativo. Estima-se que 101 mil trabalhadores ficaram sem a opção de desempenhar suas atividades com a não realização do Carnaval de 2021. Representando a retenção de R\$131 milhões de rendimentos com o trabalho.

A atração de patrocinadores é um dos tripés da festa-negócio de Salvador. Empresas de diversos segmentos se empenham em veicular suas marcas nos espaços públicos da festa e também privados (camarotes e blocos de trio e em menor quantidade nos blocos afro). Nos últimos anos vê-se a clara tendência a concentração empresarial na compra de cotas. Em 2020, apenas três patrocinadores investiram R\$ 40 milhões. A Skol Puro Malte repassou R\$ 30 milhões aos cofres da prefeitura municipal em troca do direito de exclusividade na distribuição da cerveja.

Ainda que os benefícios financeiros atuais não sejam equivalentes ao auge do sucesso do axé music, se supõe que os ganhos com a festa continuam sendo significativos e concentrados. Poucas empresas operam nos segmentos mais lucrativos de camarotes e blocos, bem como da hotelaria, se apropriando da maior parcela dos lucros que são tributados com dificuldade.

Na arquitetura da festa coube ao poder público disponibilizar recursos para montagem da infraestrutura. Em 2020, o investimento público foi de R\$ 133 milhões. O governo do estado disponibilizou R\$ 73 milhões para algumas cidades baianas. Salvador absorveu a maior parcela. Acredita-se que este seja o padrão do investimento público realizado nos últimos anos. Os recursos estaduais são distribuídos entre as secretarias responsáveis pela gestão da festa.

Vejam-se os indicativos dos efeitos das festas de verão (1º trimestre) na economia baiana. Começamos pela arrecadação tributária (ICMS), uma das principais fontes de retorno destinado ao poder público estadual, visto não dispormos de dados relativos à taxa de ISS. No 1º trimestre de 2020, a indústria de bebidas recolheu R\$ 525,9 milhões de ICMS. Com destaque para o setor de cervejas, que coletou R\$ 120 milhões a mais que a média dos demais trimestres. No mesmo período, o setor de transporte aéreo recolheu R\$ 279,8 milhões. O comércio varejista angariou R\$ 49,5 milhões nos segmentos de alojamento e alimentação. Este valor representa R\$

24 milhões a mais que a média dos outros trimestres. Vale salientar que esta atividade econômica é importante geradora de emprego e renda, sobretudo quando o turismo apresenta maiores atrativos.

O cálculo da receita nominal das atividades turísticas entre 2017-2019 indicou para o primeiro trimestre resultado superior à média conferida nos trimestres subsequentes. Resultado de uma maior movimentação no aeroporto de Salvador e na taxa de ocupação dos meios de hospedagem, em função das férias de verão, quando a capital torna-se mais procurada por seus atrativos naturais (praias, parques) e culturais (festas, espetáculos e festivais) e também é maior a movimentação dos residentes locais.

O período de alta estação ativa as oportunidades de ocupações em Salvador, ainda que muitas delas apresentem vínculos precários e temporários viabilizam de alguma forma e em níveis diferenciados o acúmulo de capital para boa parte dos envolvidos neste mercado. A maioria das ocupações é de natureza informal, envolvendo desde trabalhadores com baixa formação educacional até outros mais qualificados, caso de cantores e músicos, que apesar da especialização e do talento dependem da sazonalidade das férias para exercer o seu ofício. O que leva muitas vezes, a atividade cultural a se enquadrar na categoria de segunda opção de trabalho. O primeiro trimestre de 2021 desnudou a fragilidade do mercado informal de cultura em Salvador.

## REFERÊNCIAS

BAHIA. Secretaria de Turismo. *Pesquisa de caracterização e dimensionamento do turismo receptivo e avaliação de serviços durante o carnaval de Salvador – 2020*: relatório de resultados. Salvador: SETUR, mar. 2020. Disponível em: [http://www.observatorio.turismo.ba.gov.br/wp-content/uploads/2020/03/Relatorio\\_Pesquisa\\_Carnaval\\_2020.pdf](http://www.observatorio.turismo.ba.gov.br/wp-content/uploads/2020/03/Relatorio_Pesquisa_Carnaval_2020.pdf). Acesso em: 03 fev. 2021.

BUONO, Marcel. *MTur comemora números recordes do carnaval brasileiro*. [S. l.], 2 mar. 2020. Disponível em: [https://www.panrotas.com.br/mercado/pesquisas-e-estatisticas/2020/02/mtur-comemora-numeros-records-do-carnaval-brasileiro\\_171449.html](https://www.panrotas.com.br/mercado/pesquisas-e-estatisticas/2020/02/mtur-comemora-numeros-records-do-carnaval-brasileiro_171449.html). Acesso em: 20 jan. 2021.

INFOCULTURA: carnaval 2007: uma festa de meio bilhão de reais. Salvador: SECULT, ano 1, n. 1, set. 2007.

INFOCULTURA: carnaval 2010: comportamentos dos residentes de Salvador na festa e suas práticas culturais. Salvador: SECULT, ano 3, n. 6, fev. 2011.

MOURA, Milton. Quem quer comprar a cara desta cidade?. *Bahia Análise & Dados*, Salvador, v. 8, n. 1, p. 25-32, jun. 1998.

PESQUISA MENSAL DE SERVIÇOS. Rio de Janeiro: IBGE, 2014.

PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS CONTÍNUA: microdados da divulgação trimestral: 2012-2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=microdados>. Acesso em: 20 jan. 2021.

CENTRAL DO CARNAVAL. *Carnaval 2022*: vendas de ingressos. Disponível em: <https://home.centraldocarnaval.com.br/promocao/a-central-e-12>. Acesso em: 25 jan. 2021.